



# Crônica da Cidade

 por **Conceição Freitas** >> conceicao@dfabr.com.br

&gt;&gt; (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

[www.dzai.com.br/blog/blogdaconceicao](http://www.dzai.com.br/blog/blogdaconceicao)

## Paixão e morte em Luziânia

Importante intelectual goiano do começo do século 20, Americano do Brasil foi vítima de crime passionnal. Médico, poeta, escritor, jornalista, político, historiador e folclorista, morreu aos 40 anos. Os textos biográficos passam rapidamente pelo crime, mas o escritor José Dilermando Meireles publicou, no hoje extinto *DF-Letras*, da Câmara Legislativa do DF, um relato que esclarece as circunstâncias da morte do goiano altivo, barbudo, bonitão para a época.

A história é intrincada, envolve doença

grave, moças novinhas, acusações de abuso sexual, fofocos de cidade pequena, disputas de mercado de trabalho, de prestígio e de poder.

Diretor da Escola Normal, separado da mulher, Americano do Brasil se apaixonou por uma aluna, Nila Chaves — “a mais bela e fascinante de todas as jovens que compunham a sociedade de Santa Luzia, à época”, escreve Dilermando. A convite do diretor, Nila foi trabalhar na secretaria da escola. “Dessa proximidade e desse convívio nasceu, pelo menos da parte de Americano, uma grande paixão pela aluna e secretária.” E não apenas ele se apaixonara pela garota. O agrônomo Aldovrando Gonçalves também estava seduzido pela moça.

“Imaginem — escreve Dilermando — o quanto essa rivalidade amorosa não deve ter atuado nos ânimos dos disputantes: um, quarentão, inevitavelmente atingido pela frustração consequente da separação familiar, do mal

incurável de que se achava cometido e da queda livre que vinha sofrendo, com o regresso à província após sua passagem gloriosa pela capital da República e pela Câmara Federal”. O outro, prossegue Dilermando, “no vigor da juventude, ansioso por conquistar o seu espaço, disposto a tudo enfrentar para vencer na vida. Eram dois leões colocados na mesma jaula.”

Americano do Brasil não deixava barato — “aqui e ali disparava a sua metralhadora verbal contra os seus desafetos”. Nos dias anteriores à sua morte, comprou briga com o promotor Mota Gonçalves e com o advogado Abdias de Araújo, acusando-os de serem sócios e ameaçando denunciá-los ao interventor do Estado. Promotor e advogado se diziam interessados em derrubar a oligarquia de Luziânia, da qual Americano fazia parte.

Outros acontecimentos foram temperando o clima até os seis disparos de revólver.

Uma garota menor de 18 anos, Castorina de Lima, a Castu, vivia na Pensão Mineira e andava de namoro com o padeiro. Querendo se livrar do namorado, contou a uma amiga que havia sido desvirginada por um hóspede, o agrônomo Aldovrando, rival de Americano. A denúncia era grave para a época: a moça havia perdido a virgindade antes do casamento. Abriu-se inquérito policial e se nomeou Americano do Brasil como um dos peritos que fariam o exame de corpo de delito! Aldovrando desmentiu “o suposto desfloramento da menor” e disse que apenas havia dado “uns beijos e uns abraços” em Castu. “Não fez mais porque eu corri”, retrucou a garota.

Em conversa com amigos, o acusado ficou sabendo que, por trás de todo o desvelo policial em elucidar o suposto desfloramento da virgem, estava Americano do Brasil, seu rival na disputa pelo amor de Nina Chaves.

Aldovrando esperou o dia amanhecer,

foi à casa do delegado e, mesmo tendo ouvido dele que Americano nada tinha a ver com o desenrolar dos acontecimentos, rumou para a residência do rival. À porta do consultório, o médico levou o primeiro tiro e correu para o quarto. O agrônomo o seguiu e fez outros cinco disparos no homem já caído ao chão. “Deu, assim, expansão ao complexo torturante que se recalava em seu íntimo, eliminando brutalmente aquele homem acerca do qual Aldovrando fazia meras conjecturas de lhe estar desmoralizando”, escreveu o promotor em sua denúncia.

Na delegacia, o acusado, de 26 anos, afirmou: “Toda a história é muito longa, não vale a pena ser contada. Além do mais, existe aí no meio coisas íntimas para cuja revelação seria necessário que o dr. Americano ainda existisse”.

Não há registro do destino da bela Nila. Castu se casou com um soldado da polícia e se mudou de Santa Luzia.

**PIONEIRISMO** / Documentário que será exibido hoje, na Câmara Legislativa, conta a vida e a obra de Mário Fontenelle, o primeiro fotógrafo oficial de Brasília. Livro lançado ontem no Teatro Nacional é a edição mais completa sobre o surgimento da cidade

# Imagens e histórias da capital

&gt;&gt; BERNARDO BITTAR

“A palavra mais eloquente do Mário foi o clique da máquina fotográfica”, disse o cineasta Pedro

Jorge Castro, enquanto explicava os detalhes do documentário *A oração silenciosa*, sobre a vida e a obra do piauiense Mário Fontenelle, considerado o primeiro fotógrafo oficial de Brasília. O resultado do trabalho, que levou um ano para ser concluído, poderá ser conferido pelo brasileiro hoje, em cerimônia aberta na Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF). Na ocasião, será oferecido ao fotógrafo o título de Cidadão Honorário de Brasília, em homenagem post mortem.

Aproximadamente 4 mil imagens foram analisadas até Pedro Jorge conseguir a exatidão esperada para contar a história de Mário Fontenelle. Quase todas estão armazenadas no Arquivo Público do DF. “Tem muita coisa ali. Os retratos foram captados enquanto o Mário trabalhava na Novacap”, contou.

Hotéis e restaurantes abrigam imagens marcantes do fotógrafo. O esqueleto da Esplanada, cantos de obras cheias de candangos, terra vermelha, acampamentos no Núcleo Bandeirante etc. Para registrar a capital de maneiras tão diferentes, garante Pedro Jorge, o fotógrafo saía de casa sem rumo. Eventualmente, dormia ao relento. “Assim, ele garantiu bons retratos, imortalizados e reconhecidos hoje em dia.”

O cruzamento do Eixo Monumental com o Eixo Rodoviário, o Eixão, ainda sem edificações em volta, formando claramente o sinal da cruz projetado por Lucio Costa, está entre os registros do famoso fotógrafo. “Famoso por aqui. Na cidade dele, Parnaíba (PI), não existe nada que o homenageie, falando que ele nasceu ali”, observa Pedro Jorge, emendando, “se bem que o reconhecimento não era uma de suas vaidades”.

Com visão privilegiada do poder, trabalhando ao lado de figuras eternizadas na história, Mário teria começado a carreira de fotógrafo, segundo antropólogos e pesquisadores, por intermédio do presidente Juscelino Kubitschek, de quem ganhou a primeira máquina. “Não é uma coisa simples. Trata-se de algo único, que, pela raridade, ganhou poder”, acredita o professor de comunicação da Universidade de Brasília (UnB) Duda Bentes. Segundo ele, são obras cujo valor está na preservação e na memória. “O que foi feito não pode se repetir. Além de casualidade da construção da capital, existe um olhar único nas fotos. Isso se tornou uma marca registrada”, garantiu.

Mário Fontenelle captou imagens da nova capital entre 1957 e

## Brasília 55 anos

Carlos Vieira/CB/D.A Press



» Depois de quase dois meses, chega ao fim a exposição *Brasília 55 anos — da utopia à capital*. Para marcar esse momento, uma solenidade, na noite de ontem, na Galeria Athos Bulcão, no Teatro Nacional, homenageou personagens importantes para a construção desse projeto. Entre elas, o governador do Distrito Federal, Rodrigo Rollemberg (C); o vice-presidente executivo do **Correio Brasileiro**, Evaristo de Oliveira (E); e a diretora de

redação do **Correio**, Ana Dubeux (D). Durante o evento, um dos idealizadores do projeto, o jornalista Silvestre Gorgulho, formalizou a entrega de 200 livros sobre a história da capital federal para a Secretaria de Educação do Distrito Federal. Os exemplares serão distribuídos em escolas públicas. “Esta é uma das edições mais completas da história de Brasília. Muitas fotos históricas, muitas da Missão Cruls, por exemplo, ou

seja, é uma edição maravilhosa, com uma cronologia ímpar, de referências desde 1751, quando a capital ainda nem tinha localização e endereço certos”, explicou Evaristo de Oliveira. Ao todo, a exposição recebeu mais de 7 mil visitantes e outros 3 mil alunos de escolas do DF. A mostra rodou o mundo e encerrou a temporada em Brasília. Mas já recebeu convite para outras duas cidades: Rio de Janeiro e São Paulo.



**A exposição mostra ao mundo a beleza de Brasília, o arrojo que foi a construção de uma cidade que, muito cedo, foi reconhecida como patrimônio cultural da humanidade. É uma alegria receber 200 livros para serem usufruídos pela rede pública. Os estudantes poderão, por meio da arte, conhecer e gostar cada vez mais da nossa cidade”**

**Rodrigo Rollemberg,**  
governador do DF

1985. Morreu em 1986, no Hospital de Base. A única filha dele, Sandra Sybilla Fontenelle, 51 anos, não se interessou pelo legado do pai, segundo Pedro Jorge. “Mas não sei detalhes”, acrescentou. Outras pessoas que o conheceram também falaram pouco de relação familiar. “Ela teve uma vida de muita batalha. Nessas horas, o pai de família se torna ausente. Imagino que ele deve ter tido dificuldade para administrar esse campo”, disse o professor Duda Bentes.

Uma das grandes novidades do documentário *A oração silenciosa* é a origem do fotógrafo, que teria recebido da Igreja o sobrenome Fontenelle. “Encontramos registros de que ele era fruto de um relacionamento ‘ilegítimo’. Portanto, preferiram, à época, que ele carregasse o sobrenome dos padrinhos”, explicou Pedro Jorge.

## Lançamento

O documentário *Mário Fontenelle — A oração silenciosa* será lançado hoje no plenário da Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF), às 19h. A cerimônia, conduzida pela presidente da Casa, Celina Leão, é aberta ao público.

## Homenagem a Campos da Paz

Em sessão especial no Plenário do Senado Federal, a Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação e o fundador da instituição, o médico Aloysio Campos da Paz Júnior, que morreu em janeiro último, foram homenageados na tarde de ontem. Os parlamentares exaltaram o pioneiro, primeiro presidente da Rede Sarah, cuja atuação fez a instituição obter re-

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press - 7/4/10



Campos da Paz morreu em janeiro

conhecimento internacional.

De acordo com o senador Wellington Fagundes (PR-MT), autor do requerimento, Campos da Paz criou um modelo de assistência médica pública de qualidade. “Ele fez um trabalho exemplar, realizado com absoluta seriedade, tecnologia e fundamental dose de humanismo”, explicou.

A presidente da Rede Sarah,

Lúcia Braga, disse que Campos da Paz inovou na prática da medicina. “Instituiu-se um modelo diferente, que funciona porque vê o paciente como primeira pessoa, caso por caso”, lembrou.

Para a senadora Ana Amélia (PP-RS), o Sarah é um exemplo a ser seguido. “Gostaria que o imposto que eu pago fosse aplicado sempre dessa forma. Falo como

contribuinte: teríamos muito orgulho se toda instituição pública fosse como a Rede Sarah.”

A sessão comemorou o aniversário de 55 anos de inauguração do Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek. Campos da Paz morreu em 25 de janeiro, após sofrer insuficiência respiratória enquanto trabalhava em um dos hospitais da rede.

Carlos Moura/CB/D.A Press



Sepúlveda Pertence, a viúva Elsisa Coelho, José Sarney, Cristovam Buarque e Lúcia Braga no plenário